

## **Gêneros textuais em pesquisa com professores de Língua Portuguesa: contribuições e desafios da parceria entre universidade e escola**

### **On text genres in research with teachers of Portuguese: contributions and challenges of the school-university partnership**

Tânia Guedes Magalhães\*

---

**RESUMO:** Este trabalho traz reflexões sobre um percurso de pesquisas<sup>1</sup> desenvolvido no âmbito do Grupo de pesquisa FALE – Formação de professores, Alfabetização, Linguagem e Ensino (UFJF). Iniciamos em 2007<sup>2</sup>, a partir de demandas de professores de ensino básico, uma pesquisa para a elaboração de documento de orientação curricular e materiais didáticos para o trabalho com a língua portuguesa no ensino fundamental. Em seguida, realizamos pesquisa exploratória para investigar o uso do documento e, mais tarde, uma pesquisa-ação para modelização de gêneros textuais e sua transposição em aulas de Língua Portuguesa. Para tanto, utilizamos como embasamento teórico o interacionismo sociodiscursivo (BRONCKART, 1999; 2010; DOLZ e SCHNEUWLY, 2004; MACHADO, 2005; MACHADO E CRISTÓVÃO, 2006) e as teorias de letramentos (STREET 1984, 1995, 2010, 2014; KLEIMAN, 1995, 2001a, 2007; SOARES, 1998), buscando algumas aproximações. Os resultados obtidos ao longo desses anos de trabalho têm trazido elementos novos para as reflexões acerca dos processos de construção de conhecimento pelos professores sobre gêneros textuais e sua transposição didática. Além disso, têm revelado as contribuições e os desafios da pesquisa para a formação de professores e a possibilidade uma relação mais próxima entre universidade e escola.

**PALAVRAS-CHAVE:** Formação de professores. Ensino de Língua Portuguesa. Gêneros textuais. Modelização didática de gêneros.

---

**ABSTRACT:** The aim of this work is to convey reflections on a line of investigation developed in the research group FALE – Teacher formation, Early literacy, Language and Teaching (UFJF). In view of the demands of basic-level teachers, we started a project in 2007 that aimed at creating a curricular orientation document and didactic material for teachers to work with Portuguese in elementary and middle schools. Subsequent to that, exploratory research was conducted to investigate the use of the document and, later on, action research was performed for modeling text genres and their transposition to Portuguese classes. For that, Socio-Discursive Interactionism (BRONCKART, 1999; 2010; DOLZ & SCHNEUWLY, 2004; MACHADO, 2005; MACHADO & CRISTÓVÃO, 2006) and literacy theories (STREET 1984, 1995, 2010, 2014; KLEIMAN, 1995, 2001a, 2007; SOARES, 1998) were used. The results obtained throughout the work period have granted new elements to the reflections on knowledge construction processes about text genres and their didactic transposition by teachers. Furthermore, they have revealed the contributions and challenges of researching in the field of teacher education and of the possibility of a more contiguous relationship between university and school.

**KEYWORDS:** Teacher education. Portuguese language teaching. Text genres. Genre didactic modeling.

---

\* Professora da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF/MG). [tania.magalhaes95@gmail.com](mailto:tania.magalhaes95@gmail.com)

<sup>1</sup> As três pesquisas em questão receberam financiamentos diferentes da UFJF (auxílio financeiro e bolsa).

<sup>2</sup> Agradeço as contribuições da professora e doutoranda Laura Silveira Botelho, minha amiga e companheira de trabalho que, durante todo esse percurso de pesquisa, foi interlocutora nesses trabalhos.

## 1. Introdução

Este artigo tem o objetivo de trazer algumas reflexões sobre pesquisas desenvolvidas no âmbito do Grupo de Pesquisa FALE – *Formação de Professores, Alfabetização, Linguagem e Ensino* – do qual participo desde 2004. As pesquisas que ora apresento foram realizadas entre os anos de 2007 e 2014, sendo a última em andamento.

Nesse sentido, a principal intenção do artigo é mostrar as reflexões sobre os processos de construção de conhecimento sobre gêneros textuais e seus desdobramentos para a sala de aula; e analisar as contribuições e desafios da pesquisa com formação de professores, sobretudo as de caráter intervencionista, como a pesquisa colaborativa.

Ainda que haja pesquisas, discussões, eventos, produção de documentos e produção de materiais didáticos e teórico-didáticos para formação continuada, intensos nos últimos anos, percebemos que muitas dificuldades e desafios se mantêm na escola básica, tanto no que se refere ao letramento do aluno, quanto no que se refere ao trabalho com os gêneros textuais aliado à reflexão linguística na escola básica.

Tais dúvidas e desafios são revelados de diversas formas, a saber: a) em cursos de formação inicial de professores, como docente de Licenciaturas (Letras e Pedagogia), percebemos as dificuldades desses alunos, na leitura e na produção de textos, em disciplinas como “Práticas textuais”<sup>3</sup> e nas disciplinas relacionadas ao “Estágio Supervisionado em Língua Portuguesa”<sup>4</sup>; b) em cursos de formação continuada, de capacitação e de pós-graduação<sup>5</sup>, no contato direto com docentes de Ensino Fundamental e Médio; e, por fim, c) nas pesquisas que vimos desenvolvendo nos últimos anos, de caráter intervencionista, realizadas diretamente em escolas públicas de Juiz de Fora (MG). Nessas três instâncias, temos percebido – apesar da intensa discussão realizada em torno do ensino de Língua Portuguesa (LP) nos últimos 30 anos no Brasil – o crescente interesse no desenvolvimento de propostas relativas ao letramento, aos gêneros textuais e ao ensino de gramática imbricada no discurso.

Frequentemente, percebemos certo “discurso do fracasso” no desenvolvimento da leitura e da escrita na escola, como por exemplo, prática sem teoria, ações intuitivas dos

---

<sup>3</sup> Em tal disciplina, no curso de Pedagogia da UFJF, realizamos trabalhos de leitura e escrita de resumo, artigo científico – de revisão e de pesquisa –, resenha e monografia.

<sup>4</sup> Nessa disciplina, no curso de Letras da UFJF, desenvolvemos trabalhos de leitura e escrita de artigo científico, relato de experiência e plano de intervenção.

<sup>5</sup> Atuo no Programa de Pós-Graduação em Educação da UFJF, na linha de “Linguagem, Conhecimento e Formação de professores”.

professores e aulas apoiadas exclusivamente no livro didático (LD), o que evidencia, para nós, que o “como fazer” ainda se constitui entrave no ensino de LP.

Na tentativa de contribuir com um ensino de linguagem mais produtivo, dinâmico e relacionado ao cotidiano dos alunos, desenvolvemos as pesquisas em questão, que agora passamos a descrever. Não pretendemos dar respostas definitivas aos amplos problemas enfrentados pelos professores na escola pública contemporânea, mas tão somente apresentar práticas de pesquisa que trouxeram resultados mais satisfatórios em termos de gêneros e letramento e formação de professores.

## **2. Pressupostos teóricos**

Nesta seção, apresentamos, de forma sucinta, os principais direcionamentos teóricos que temos usados para embasar nossas pesquisas, como as teorias de letramento(s), a abordagem sobre gêneros textuais tomada dos pressupostos do Interacionismo Sociodiscursivo (ISD), bem como os possíveis desdobramentos dessas teorias para o ensino básico, como os projetos de letramento. Buscamos, no desenvolvimento dessas pesquisas, algumas aproximações entre essas vertentes teóricas, em termos de uso de gêneros orais e escritos nas práticas escolares para a ampliação do letramento dos alunos.

### **2.1 Letramento(s)**

A perspectiva dos letramentos adotada para as pesquisas aqui elencadas vislumbra a constatação de uma complexidade de práticas letradas nas sociedades contemporâneas em diferentes contextos. Com base nos Novos Estudos de Letramento, letramentos múltiplos foi uma ênfase dada por Street<sup>6</sup> para afastar o conceito de uma “noção autônoma reificada” (2010, p. 71), orientada pelas habilidades; ao contrário, o pesquisador situa suas pesquisas numa concepção mais ampla do letramento, como prática social imbricada à cultura e às relações de poder (2014).

Envolvendo uma análise profunda das variações nos usos e significados da escrita em diferentes cenários culturais, é possível reconhecer uma multiplicidade de práticas letradas em vez de se supor que exista um “letramento único”, já que os usos sociais da leitura e da escrita

---

<sup>6</sup> Ao longo deste trabalho, fizemos algumas considerações baseadas em Street nos trabalhos publicados em 2014, 2012, 2010, 2009, 2003, 1995 e 1984.

estão inseridos, segundo Street, em significados culturais, locais, cujos valores são atribuídos pelos sujeitos e instituições envolvidos em tais práticas.

Sendo assim, os modelos denominados por Street como autônomo e ideológico (1984) enfocam diferentes formas de conceber a escrita, dada a importância que ela ganhou nas sociedades modernas. Nesse sentido, a concepção múltipla do modelo ideológico se contrapõe à ideia de letramento singular, autônomo, que exclui diferentes modos e concepções de uso da escrita, modelo este que, segundo Street, tem sido um aspecto dominante na teoria educacional e desenvolvimental (1995), que enfoca sempre técnicas descoladas dos sujeitos no processo de aquisição e desenvolvimento da escrita. O modelo ideológico de letramento, então, é entendido como prática social “de leitura e escrita encaixados em relações de poder” (2014, p. 146). Entendemos que as práticas sociais, nesse sentido, é que determinam como usamos a escrita; dessa forma, o letramento está altamente impregnado de valores culturais, poder e ideologia, atribuídos pelos sujeitos envolvidos nos contextos diversos.

Tomando esses pressupostos como essenciais, acreditamos que os processos de aquisição e desenvolvimento de leitura e escrita na escola não deveriam estar desvinculados do cotidiano dos alunos. Para Street, a tarefa política<sup>7</sup> é bastante complexa. É preciso, então,

desenvolver estratégias para programas de alfabetização/letramento que lidem com a evidente variedade de necessidades letradas na sociedade contemporânea. Isso exige que os planejadores de políticas e que os discursos públicos sobre letramento levem em maior conta as habilidades presentes das pessoas e suas próprias percepções; que rejeitem a crença dominante num progresso unidirecional rumo a modelos ocidentais de uso linguístico e de letramento; e que lancem o foco sobre o caráter ideológico e específico ao contexto dos diferentes letramentos. (2014, p. 41)

Street propõe, ainda, que em termos de políticas públicas e Educação, é necessário desenvolver trabalhos mais “culturalmente sensíveis e politicamente conscientes”, relativos às pessoas envolvidas nesses processos, em vez de práticas que reproduzem a hegemonia. No Brasil, as repercussões dessa visão de letramento ficaram evidentes nos trabalhos de Soares e Kleiman – entre outros – que, atrelando as pesquisas e discussões à alfabetização ou não, trouxeram contribuições inigualáveis para a Linguística Aplicada brasileira. Para as questões de ensino de Língua Portuguesa, que enfocamos nos nossos trabalhos, esse conceitos tornam-

---

<sup>7</sup> Vale ressaltar o que Marinho e Carvalho (STREET, 2009) perguntam ao pesquisador, nesta entrevista, sobre a relação dos Novos Estudos de Letramento com as questões pedagógicas.

se potenciais, na medida em que os relacionamos fortemente à aprendizagem da língua e ao uso dos gêneros textuais nas práticas de letramento, foco da nossa próxima seção.

## 2.2 Interacionismo Sociodiscursivo e ensino de línguas

Na perspectiva teórica do Interacionismo Sociodiscursivo (ISD), autores como Bronckart e Schneuwly e Dolz, do denominado “Grupo de Genebra”, bem como pesquisadores brasileiros, como Machado, Cristóvão, Abreu-Tardelli, Matencio, Lousada, Guimarães<sup>8</sup> têm se dedicado às investigações relativas ao agir profissional e à didática das línguas e à análise de textos.

Segundo Machado (2005), pesquisas que se ancoram no ISD no Brasil têm tido, entre outros, um caráter intervencionista na educação, com foco nas ferramentas de ensino – os modelos didáticos; e com foco na interação com professores em formação inicial ou continuada. Nossas pesquisas centraram-se no professor em formação continuada, com análise de sessões reflexivas; e com foco na prática do professor, nas práticas escolares, com atenção especial para o uso de sequências didática (SD) no ensino básico.

Desse viés teórico<sup>9</sup>, fizemos, nas pesquisas desenvolvidas, apropriação dos conceitos de **gêneros textuais, modelos e sequências didáticas**, uma vez que enfocamos, no nosso trabalho de investigação sobre os processos de ensino de língua portuguesa na escola básica, o potencial das práticas de oralidade, leitura e escrita para ampliação do letramento do aluno, bem como para a reflexão linguística que dê subsídio para tais práticas na sociedade.

Nessa perspectiva, as análises centram-se nas relações entre os textos e as atividades humanas, o que, segundo Bronckart, pressupõe destacar a função comunicativa e social dos textos (2006). Sendo o ISD um quadro teórico que enfoca o desenvolvimento humano na sociedade, para a escola ele fornece um instrumental didático pertinente para concretizar objetivos do ensino de línguas, já que toma como base a atividade discursiva do desenvolvimento humano e seus processos de mediação. Sendo assim, o ser humano, lidando com diversos discursos pré-existentes, organizados em gêneros, pode ser capacitado a lidar com esses diferentes modelos linguísticos pré-construídos historicamente por uma sociedade. Nesse

---

<sup>8</sup> Há vários pesquisadores brasileiros que desenvolvem pesquisas no campo do ISD; entretanto, estamos citando aqui apenas aqueles cujos textos foram diretamente estudados em nossos trabalhos de pesquisa.

<sup>9</sup> Bronckart faz importantes considerações, em entrevista dada em 2006, sobre a possibilidade de o ISD ser uma teoria ou um paradigma científico.

sentido, as práticas de linguagem, o principal instrumento de interação social, são essenciais para o desenvolvimento da linguagem no ensino, que deve envolver o uso e o estudo sistemático da textualidade. Os gêneros, então, são ferramentas semióticas complexas (SCHNEUWLY, 2004), são “megainstrumentos”, pois atuam tanto como formas de ação quanto como instrumento para o ensino de línguas. Sua apropriação é fundamental para a socialização, pois permite inserir o aluno nas atividades discursivas do seu e de outros meios sociais.

Não defendemos, no ensino, reduzir os gêneros a estruturas, a formas apenas. Pelo contrário, defendemos que é nas ações humanas que é possível a apropriação de gêneros, no seu aspecto discursivo, social, histórico e funcional, para uso nos diversos âmbitos sociais. Destacamos a importância do conhecimento dos gêneros para capacitar o aluno a agir via linguagem, uma vez que tal apropriação “é um mecanismo fundamental de socialização, de inserção prática nas atividades comunicativas humanas” (BRONCKART, 1999, p. 103).

Para que haja, nos contextos escolares, inserção dos alunos nas práticas de linguagem historicamente construídas, toma-se a língua em funcionamento, os textos materializados em gêneros, cujos modelos são escolhidos em formas mais ou menos idealizadas, modelos esses que envolvem uma descrição, capaz de explicitar suas características. A modelização, segundo Machado e Cristóvão (2006), permite tornar mais claros os aspectos discursivos de um texto, bem como relacioná-los às capacidades de linguagem envolvidas neste aprendizado.

Na pesquisa colaborativa, essa estratégia tem sido relevante na explicitação minuciosa das características linguístico-discursivas e dos conhecimentos subjacentes aos mais variados gêneros textuais. Sendo assim, a modelização tem explicitado os saberes atinentes à língua, que são de grande importância para o processo de educação linguística do aluno, incluindo a relação entre leitura e escrita e a reflexão sobre os usos linguísticos, envolvendo, então, a difícil prática de análise linguística (MENDONÇA, 2006) que vem substituindo, aos poucos, o ensino de gramática tradicional.

Por isso, criar situações escolares para uso social dos gêneros é fundamental para a ampliação das capacidades de linguagem dos alunos. Para tornar esse aprendizado dos textos menos artificial, de modo que eles tenham relação mais direta com a vida dos alunos, com os temas que afetam as comunidades locais, os projetos de letramento (KLEIMAN, 2001a, 2007) são uma estratégia didática interessante para relacionar letramento e gêneros, e tornar a aprendizagem da língua mais articulada aos alunos.

### 2.3 Projetos de letramento

Já reconhecemos, na atual conjuntura dos estudos linguísticos contemporâneos, que abordar os letramentos como uma questão de habilidade individual remete-nos a uma postura simplista e reducionista com repercussões negativas para o ensino: significa, a nosso ver, uma separação entre o sujeito e a língua que usam. Tampouco tratar na escola da linguagem numa proposta de “ensino de gêneros” que exclui seu aspecto discursivo, numa mera atividade de reconhecimento de estruturas, pouco trará contribuições inovadoras.

Por isso, na difícil tarefa de elaborar currículos e programas, no sentido de traçar diretrizes sobre o que ensinar, as etapas progressivas para o aprendizado da leitura, da escrita e da oralidade, por exemplo, devemos pensar em práticas reflexivas com a língua, que partam de situações relacionadas à vida dos alunos, conforme sugeriu Street (2014), que propõe uma prática “culturalmente sensível”. Nessa direção, Kleiman (2001a) introduz um conceito bastante profícuo, os projetos de letramento<sup>10</sup>, numa tentativa de deslocar o centro dos currículos dos gêneros textuais para as práticas sociais.

Trata-se de uma possibilidade de entrelaçar propostas de leitura, escrita e oralidade não apenas no ensino de LP, mas em todas as áreas de conhecimento do ensino básico. Como vimos, letramento está relacionado a práticas culturais, de modo que a leitura e escrita são práticas discursivas com “múltiplas funções inseparáveis dos contextos em que se desenvolvem (2007, p. 4). Sendo assim, a cada inserção num universo de cultura novo, há novo aprendizado. O uso de projetos, então, pode trazer tal inserção. Um projeto de letramento é caracterizado por

um conjunto de atividades que se origina de um interesse real na vida dos alunos e cuja realização envolve a escrita, isto é, a leitura de textos que, de fato, circulam na sociedade e a produção de textos que serão realmente lidos, em um trabalho coletivo de alunos e professor, cada um segundo sua capacidade. O projeto de letramento é uma prática social em que a escrita é utilizada para atingir algum outro fim, que vai além da mera aprendizagem da escrita (a aprendizagem dos aspectos formais apenas), transformando objetivos circulares como “escrever para aprender a escrever” e “ler para aprender a ler” em ler e escrever para compreender e aprender aquilo que for relevante para o desenvolvimento e a realização do projeto (KLEIMAN, 2001a, p. 238)

---

<sup>10</sup> Com base nesse conceito, os Projetos Didáticos de Gêneros (PDG), sistematizados e pesquisados por Guimarães e Kersch (2012, 2014) e seu grupo, trazem uma interessante proposta para o ensino, sem dispensar, contudo, as seqüências didáticas, mas articulando-as aos projetos.

Considerando letramento fortemente relacionado aos valores culturais que os sujeitos e diversas comunidades dão a ele, os projetos de letramento enfocam a natureza social da leitura, da escrita e, acreditamos, da oralidade. A multiplicidade de práticas letradas da sociedade se tornam presentes na escola na medida em que se criam situações reais para que, no uso da língua, haja motivação, interesse e necessidade de leitura e escrita. Desse modo, a “cena” comunicativa presentifica-se na escola para os alunos, assim, experimentarem diversas atividades de linguagem.

Com base na articulação dessas vertentes, relacionadas à proposta mais aplicada dos projetos de letramento na escola, desenvolvemos as pesquisas que passamos a descrever na seção seguinte.

### **3. As pesquisas**

Nesta seção, apresentaremos as três pesquisas realizadas durante os anos de 2007 a 2014, trazendo, em cada subseção, aspectos da metodologia que deram suporte as investigações. Em todas elas, baseamo-nos nas perspectivas teóricas já apresentadas, ressaltando, em uma ou outra, alguns aspectos que se tornaram mais necessários ou recorrentes, dependendo dos objetivos mais específicos.

#### **3.1 Pesquisa 1: Reestruturação do ensino de Língua Portuguesa: práticas pedagógicas com gêneros textuais**

A pesquisa intitulada “Reestruturação do ensino de Língua Portuguesa, práticas pedagógicas com gêneros textuais” foi realizada nos anos de 2007 a 2009 em uma escola municipal de Juiz de Fora (MG). A pedido da escola, fomos solicitadas a colaborar com a construção de um “novo caminho” para o ensino de LP da escola, prestando assessoria ao corpo docente no tocante ao trabalho com gêneros.

Utilizamos a perspectiva colaborativa (IBIAPINA, 2008), ou seja, uma pesquisa que propiciou não apenas a descrição dos fenômenos sociais, mas intervenção na realidade, no nosso caso, a escolar. Nesse sentido, porque propõe intervenção no contexto, tal metodologia propicia, por meio de sessões reflexivas, que são o instrumento de coleta de dados, realizar conjuntamente pesquisa e formação continuada de professores. Essa vertente traz luz sobre a prática de sala de aula e sobre possíveis mudanças necessárias no contexto pesquisado, promovendo conscientização sobre o trabalho dos sujeitos envolvidos (professores, alunos e

coordenadores). As sessões reflexivas foram realizadas nas reuniões pedagógicas da escola, aos sábados, durante um ano e meio.

Durante tais sessões, pudemos estudar diversas teorias no campo da leitura, da produção oral e escrita de gêneros, ortografia, variação linguística, gêneros textuais e letramento. Após alguns encontros, chegou-se à construção de que o trabalho com gêneros na escola deveria ser estruturado e sistematizado ao longo dos anos; para tanto, seria necessário elencar um conjunto de textos a serem trabalhados ao longo da escolarização. Sendo assim, a etapa seguinte foi a construção de um programa<sup>11</sup> de ensino de LP. Nesta época (2008), a Prefeitura de Juiz de Fora contava com uma diretriz curricular, de certa forma, defasado em termos de ensino pragmático de língua que tem como base uma perspectiva sociointeracionista<sup>12</sup>.

Realizamos, nessa etapa, algumas atividades em sala de aula com gêneros textuais, de modo que nós, professores e pesquisadores, pudéssemos decidir em que etapa do ensino determinados gêneros textuais seriam privilegiados. Nas sessões reflexivas, os professores relatavam suas práticas de sala para, então, verificar de que modo tais gêneros seriam alocados na proposta pedagógica da escola.

Ao final, após a construção de um programa<sup>13</sup> – enxuto e preliminar – de língua, que pudesse ser aliado aos livros didáticos já utilizados pelos professores, mas que ultrapassasse esse material, com elaboração de atividades próprias, partimos, dois anos mais tarde, para a investigação sobre como o documento estava sendo usado, pesquisa que relatamos a seguir.

### **3.2 Pesquisa 2: Gêneros textuais e ensino: entraves e perspectivas**

Durante os anos de 2010 e 2011, voltamos à escola onde foi realizada a primeira pesquisa para investigar como estava sendo usado o programa elaborado nos anos de 2007/2009. Nossa investigação teve o objetivo de saber se os professores estavam usando o programa, como estavam usando, como os professores novos receberam o material, se conheciam, se aliavam o documento ao LD, se havia reuniões para estudo, etc.

Assim, realizamos um estudo exploratório, com entrevistas semi-estruturadas, para analisar de que forma o documento circulava na escola, seja no planejamento das atividades,

---

<sup>11</sup> Não vamos, neste artigo, discutir a diferença entre programa, currículo, proposta curricular ou diretriz.

<sup>12</sup> Em Magalhães e Ferreira (no prelo), fazemos uma análise dos dois programas de Ensino de Língua Portuguesa da Prefeitura de Juiz de Fora (2001 e 2012).

<sup>13</sup> Os resultados dessa pesquisa encontram-se em BOTELHO e MAGALHÃES (2011)

seja em reuniões pedagógicas. As entrevistas foram gravadas em áudio e, em seguida, transcritas para análise. As respostas para essa investigação foram muitas, e bastante curiosas, o que nos possibilitou traçar novos rumos para dar prosseguimento às atividades do Grupo de Pesquisa FALE.

No discurso dos professores entrevistados, as respostas mais importantes, porque impulsionaram a terceira pesquisa – em andamento – foi a necessidade de formação continuada para o trabalho com os gêneros: os professores solicitaram que voltássemos à escola para dar continuidade aos estudos que embasavam o documento, o que nos indicou a necessidade de parceria constante entre universidade e escola<sup>14</sup>.

Os professores nos indicaram, entre outros, uma relação próxima entre o documento e o LD, buscando abordar, em sala de aula, os gêneros indicados no programa que constavam do material didático adotado pela escola. Havia, nesse sentido, uso constante de LD, o que de certo modo impede a circulação de textos na escola em seus suportes, como jornais e revistas, bem como blogs, sites e portais. Não atribuímos esse uso constante do LD à falta de formação ou acesso mais fácil ao material didático apenas, mas também à falta de tempo do professor, que se divide em muitas escolas, para estudar e elaborar seu próprio material.

Conforme as teorias de currículo já nos indicaram (MOREIRA, 2000; SILVA, 2003) não basta que tenhamos programas e diretrizes nas escolas se não houver formação continuada de professores para lidar com tais programas, para haver uma relação mais consciente e crítica entre os docentes e tais documentos prescritivos.

A partir dessas constatações, principalmente da indicação de que a parceria entre universidade e escola era requerida, iniciamos uma pesquisa mais longa, que teve início em 2011 (em andamento), que passamos a descrever abaixo.

### **3.3 Pesquisa 3: Gêneros textuais e ensino: uma pesquisa colaborativa com professores de Língua Portuguesa**

Em 2012, iniciamos uma pesquisa colaborativa mais ampla, dessa vez com sessões reflexivas desenvolvidas na UFJF, com professores de LP de 1º ao 9º anos, que se vincularam à pesquisa por convite (inclusive os professores que estavam, naquele ano, lidando com o documento construído na escola nos anos anteriores) e por seleção<sup>15</sup>. De 2012 para cá,

---

<sup>14</sup> Os resultados dessa pesquisa estão em Botelho, Kaeser e Gomes (2014) e Magalhães, Cordeiro e Crespo (2014).

<sup>15</sup> Em anos seguintes, fizemos seleção de professores para participar do grupo, em função da necessidade de termos professores sujeitos da pesquisa que se vinculassem e tivessem comprometimento de continuar até o final do

professores das redes municipal, estadual e particular têm se ligado à nossa equipe, participando como sujeitos de pesquisa ou colaboradores, no intuito de contribuir com o grupo e ter participação em estudo sistematizado na área de Linguística Aplicada. Desenvolvemos a atual pesquisa com bolsistas<sup>16</sup> de Letras e Pedagogia da UFJF.

No decorrer desse trabalho, realizamos as atividades da seguinte forma:

- sessões reflexivas semanais para estudo sobre gêneros, letramento, SD, leitura, escrita, oralidade, projetos de letramento e currículo;
- elaboração de materiais didáticos do projeto de letramento, incluindo as SD;
- intervenção na escola para experimentar o material construído;
- retorno sobre a intervenção, nas sessões reflexivas, para avaliação, reorganização e novas intervenções;
- análise do projeto desenvolvido, bem como dos resultados alcançados pelos alunos;
- análise da apropriação e da construção de conhecimento, pelos professores, sobre gêneros textuais, SD, leitura, escrita e oralidade, análise linguística e projetos de letramento.

Nessa perspectiva, tentamos realizar, na parceria entre universidade e escola, uma relação mais próxima com o ensino de linguagem, dando um caráter menos assimétrico a tal relação, enfocando a possibilidade de um trabalho mais colaborativo, de construção e reflexão sobre os conhecimentos atinentes à linguagem e educação.

Sendo assim, escolhemos, em duas etapas dessa pesquisa, abordar os gêneros “folder de campanha” e “diário de leituras”<sup>17</sup>. O primeiro nasceu da necessidade das professoras que, em suas realidades escolares, enfrentavam momentos de violência entre alunos. Para não abordar apenas a questão da violência em si, as professoras chegaram ao consenso de que o tema *bullying* atenderia a várias realidades e anos escolares. Pensando em criar um projeto de letramento, as professoras entenderam que, a partir da necessidade de conscientizar a

---

trabalho, para sistematizar dados, já que, em anos anteriores, houve rotatividade de professores no grupo, o que dificultou nossas conclusões.

<sup>16</sup> Incluímos, na pesquisa, bolsistas de iniciação científica, treinamento profissional, extensão e apoio estudantil. Agradeço o trabalho e entusiasmo de Ariane Alhadas, Bruna Crespo, Fernanda Ferreira, Michele Gomes, Letícia Kaeser, Thayane Fonseca, Anna Carolina Dalamura, Rafaela Savino de Oliveira e Vanessa Alvim, alunas que estão, de diversas formas, contribuindo com o Grupo FALE, seja como bolsistas de graduação ou alunas de mestrado.

<sup>17</sup> Não é nosso objetivo, neste artigo, tratar dos gêneros em questão. Os trabalhos que versam sobre a modelização dos gêneros folder de campanha e diário de leitura estão em construção. Alguns resultados encontram-se em Magalhães (2014).

comunidade escolar, surgiria a possibilidade de trabalhar via linguagem nessa conscientização. Daí, nasceu a possibilidade de criar um folder de campanha, gênero escrito cuja intenção é, entre outras, conscientizar uma comunidade sobre determinado assunto. Nesse âmbito, notamos que foi perceptível, pelas professoras, a necessidade de criar situações em que os usos da linguagem indicariam os gêneros a serem trabalhados, partindo diretamente de um fato social vinculado à comunidade escolar. Das situações escolares e da comunidade surgiram demandas: como usar a língua numa situação de conscientização?

Já no ano seguinte, elegemos o diário de leituras<sup>18</sup> para abordar, por ser um gênero de pouca circulação na escola e desconhecido das professoras do grupo. Vale ressaltar que, na realização dessa última etapa aqui relatada, a Prefeitura de Juiz de Fora já contava com a publicação de uma *Proposta Curricular de Língua Portuguesa*, cuja construção foi iniciada em 2010, concluída e publicada em 2012. Ambos os gêneros, folder de campanha e diário de leitura, constam do documento.

No plano da discussão dos projetos de letramento, decidimos, primeiramente, pensar nas situações, criar os “motivos” para realizar leitura e escrita na escola, aliando, assim, a reflexão linguística às atividades de leitura e produção do folder e do diário.

No decorrer das pesquisas, expandimos os trabalhos para dois caminhos: a) o primeiro, em que professores desenvolveram os projetos na escola, após construção nas sessões reflexivas e b) o segundo, em que professores e bolsistas, após construção de material no grupo, desenvolveram as atividades na escola. Com isso, foi possível realizar um trabalho duplo: formação inicial e continuada de professores.

O rico intercâmbio entre professores já atuantes e alunos em formação trouxe-nos ponderações importantes para podermos repensar nossos currículos de graduação, que passamos, dentre outros, a analisar.

#### **4. Reflexões sobre os resultados: as contribuições das pesquisas**

Durante esse percurso, pudemos chegar a diferentes constatações, das quais vamos privilegiar apenas algumas, agrupadas abaixo em seções comentadas. Estas observações nos levaram a repensar as teorias, e certamente continuarão a repercutir em nossas pesquisas vinculadas à formação inicial e continuada de professores.

---

<sup>18</sup> Baseamo-nos em Machado (1998), Machado [coord]; Lousada e Abreu-Tardelli (2004; 2007) para tratar do diário de leituras.

#### **4.1 Importância de se construir currículos com os professores, e não para os professores**

O currículo prescrito, tema que tem sido alvo de discussões na área de Linguagem e Educação, é tópico de extrema importância na atualidade. É preciso que seja dada atenção a ele no âmbito da escola pública brasileira, investigando como são construídos, distribuídos, recebidos e usados no dia a dia, além de como são empregados no cotidiano.

Em nossa experiência, a construção coletiva do documento possibilitou estudo de diversas teorias com o corpo docente. A construção do programa com os professores tornou-os mais responsáveis por ele, de modo que o comprometimento com as sugestões ali postas tiveram repercussão em sala, já que fizeram parte de sua elaboração.

Entretanto, como construímos o programa e não permanecemos na escola após sua finalização, na pesquisa seguinte emergiu, das entrevistas, a necessidade de nova parceria para que os estudos tivessem continuidade, de forma que a prática de sala de aula corresse com maior segurança e consistência, sobretudo no que diz respeito às propostas ali indicadas, como a relação entre análise linguística e gêneros textuais.

De fato, vemos que pouco impacta a qualidade do ensino uma boa quantidade de materiais (sejam currículos ou outros materiais didáticos ou de formação) se o professor não os conhece, não os estuda, tampouco tem possibilidade de manuseá-los e analisá-los juntamente com seu corpo docente.

#### **4.2 Formação inicial e continuada: necessidade de formação discursiva de professores**

Tanto em relação aos professores participantes da pesquisa, já graduados, quando os alunos de licenciatura em formação revelaram, no decorrer da montagem do programa e do material a ser usado em sala, dificuldades em lidar com termos das teorias nas quais nos detivemos, bem como dificuldades de leitura e escrita dos gêneros envolvidos nos projetos. A nosso ver, isso indica que a formação inicial de professores de linguagem precisa ser reformulada. Não queremos aqui reproduzir o “discurso do fracasso” que já foi constatado em termos de formação inicial. Longe disso, percebemos, ao longo da pesquisa, que é possível realizar um trabalho coerente e consistente, ao encontro da formação de um professor leitor, usuário da linguagem que ensina.

Sendo assim, consideramos urgente privilegiar, na formação inicial e continuada, tanto uma formação que privilegie um processo profundo de desenvolvimento da escrita e da leitura,

incluindo aí os conhecimentos de Língua Portuguesa envolvidos na escolarização básica. A dificuldade de professores e de graduando de ler e escrever textos diversos indica-nos que é preciso envolvê-los em práticas efetivas de leitura e escrita, tanto dos gêneros com os quais trabalharão na prática escolar, quanto os acadêmicos, bem como de outras esferas.

Conforme vários autores têm defendido em seus trabalhos, o letramento do professor precisa ser tema focado nas políticas públicas e pesquisas acadêmicas. Ao encontro de Andrade (2012) é possível e desejável adotar uma **concepção discursiva de formação docente**, em que haja realmente uma prática que coloque professores e graduandos como leitores e escritores, compreendendo a circulação social da língua na experiência como autor, e não apenas no estudo da língua como objeto.

Tanto os alunos de graduação quanto os professores, mergulhados no contexto escolar e nas atividades de leitura e escrita dos gêneros cujo material estava sendo construído na pesquisa, puderam se apropriar deles de forma bastante sólida, de modo que a compreensão da circulação social e dos objetivos comunicativos dos gêneros foi bastante proveitosa. Isso certamente repercutiu em sua prática pedagógica. Além dos textos abordados na pesquisa 3 nas SD, os professores e os bolsistas escreveram relatos sobre suas experiências, além de relatórios e diários de campo, como formas de vivenciar a leitura e a escrita situadas num contexto específico, que oportunizaram dar voz aos seus próprios trabalhos, avaliá-los e ressignificá-los ao longo da investigação.

#### **4.3 A modelização como atividade de formação (inicial e continuada) de professores**

Os gêneros, conforme Marcuschi, são “muitos, fluidos” e dinâmicos (2011, p.30); e estamos certos de que sua mera descrição e classificação não são atividades produtivas para o ensino em termos de desenvolvimento de capacidades de uso da e reflexão sobre a língua. Nesse viés, a modelização de gêneros (MACHADO e CRISTÓVÃO, 2006), que vai muito além da descrição, tem sido uma importante estratégia na explicitação de características linguístico-discursivas dos gêneros textuais, seja na prática escolar, seja no processo de formação inicial ou continuada do professor.

Isso ficou claro na fase em que estivemos, na pesquisa 1 e 3, elaborando as atividades para desenvolvimento na escola. Nesse momento, tivemos que nos debruçar sobre os gêneros sob análise para elaborar os exercícios que comporiam os projetos. Após a leitura de textos exemplares desses gêneros, os professores e bolsistas puderam escrevê-los, apropriando-se

deles de forma mais ativa. Aliado à atividade de leitura e escrita desse mesmo gênero em modelização, temos como consequência uma prática docente que sai da atividade intuitiva com a linguagem para uma prática mais reflexiva e consciente, como pudemos observar nas nossas sessões em que os professores relataram isso. Esse exercício de escrita propiciou reflexões sobre os processos de letramentos dos bolsistas e dos professores envolvidos.

Como muitos professores nos revelam não saber como proceder para ensinar seus alunos a ler e a escrever, notamos que a vivência como leitores e produtores desses gêneros a ensinar, bem como o trabalho de modelização, propicia uma experiência de formação discursiva relevante.

#### **4.4 O ISD na vertente da intervenção – possibilidade de parceria universidade e escola**

O ISD tem se mostrado como um quadro teórico que fornece um conjunto de reflexões teórico-práticas não restritas e bastante pertinentes para concretizar objetivos de ensino de língua portuguesa, visto que traz a possibilidade de aliar questões de produção oral e escrita de textos, leitura e escuta, atrelados à análise linguística. Ao estarmos vinculados a esse referencial, bem como à proposta de projetos, consideramos profícuo o trabalho que se propõe a fazer análise de textos na pesquisa colaborativa com professores, na medida em que a relação com a escola, no planejamento, proporciona reflexão sobre a prática de linguagem com gêneros. Em recente publicação feita por Barros e Rios-Registro (2014), dentre muitas outras, vemos que tal proposta ainda está em constante construção e tem demonstrado resultados satisfatórios no tocante ao ensino de linguagem.

A pesquisa colaborativa nos permite analisar como os documentos estão circulando nas escolas, como a relação entre teoria e prática tem sido feita; além disso, é possível verificar como a relação teoria e prática é dinâmica e complexa (e não reduzida à “teoria aplicada à prática), o que confere uma visão dos sujeitos que estão nela. Visto isso, podemos refletir sobre as teorias, testá-las e ressignificá-las, ao encontro da proposta de ação – reflexão – ação indicada pela perspectiva colaborativa. É preciso fortalecer as frentes de trabalho que envolvam o parceria universidade e escola.

#### **4.5 Dificuldades no desenvolvimento das capacidades de linguagem**

Uma de nossas observações é que, a despeito das inúmeras publicações e pesquisas realizadas nos últimos anos, o trabalho escolar com a língua materna encontra-se centrada no que Mendonça denomina como organização cumulativa, em que o estudo da língua é feito na perspectiva

da sucessão de unidades a serem analisadas, cada vez mais complexa do ponto de vista morfossintático: da palavra para a oração; da oração para o período. Entretanto, muito raramente se chega à unidade maior: o texto. Menos ainda se tematizam aspectos discursivos.” (MENDONÇA, 2006, p. 203)

Acreditamos que isso é decorrência da tradição em que estamos centrados, inclusive na própria organização curricular da graduação. Isso não permite, a nosso ver, realizar a prática pedagógica condizente com os múltiplos letramentos.

Partir do que o aluno já sabe para construir conhecimento sobre o que ele não sabe é um caminho importante que precisa ser valorizado para que a escrita faça mais sentido.

Deve-se, então, dar maior importância para criar situações de uso da linguagem nas práticas escolares, com atenção para as atividades a que os alunos já estão acostumados. Para tanto, a perspectiva etnográfica pode nos mostrar caminhos mais interessantes, como bem demonstrou Souza, Corti e Mendonça (2012) para verificar como os jovens lidam com eventos de letramento em seu cotidiano e, assim, relacioná-los à escola. Os Novos Estudos de Letramento trazem luz para nossos planejamentos, no sentido de estimular uma investigação mais local sobre o que se faz na comunidade antes de chegar à escola. Sendo assim, poderemos partir daí para ampliar o uso para outros letramentos.

#### **4.6 O trabalho e a formação continuada entre outras dificuldades**

No âmbito da análise dos resultados dessas pesquisas, em termos de questões mais práticas relativas à profissão do professor, percebemos que, acerca da estrutura do sistema escolar (envolvendo aí não apenas as unidades escolares, mas as secretarias de educação, municipais ou estaduais), a situação atual do professor não proporciona tempo suficiente para estudo. As dificuldades de se vincular a grupos de estudos e pesquisas são decorrentes de falta de tempo, carga horária dividida entre duas ou três escolas (sejam públicas ou particulares) ou cargos fragmentados. A questão da remuneração docente também merece mais atenção e

discussão, uma vez que a falta de tempo para estudo é inaceitável para profissionais que lidam dia a dia com o conhecimento, em constante mudança.

Uma experiência importante, com ressalvas, que proporciona remuneração para professores estarem envolvidos em projetos, são o PNAIC<sup>19</sup> e o PIBID<sup>20</sup>, merecendo, por isso, atenção dos pesquisadores e gestores, que devem avaliar os impactos que esses programas têm trazido em termos de formação e tempo de estudo conjugados à prática pedagógica. Mais que isso, é necessário investigar que conhecimentos são construídos na relação entre professor universitário, graduando de licenciatura e professor da escola básica.

As várias dificuldades encontradas no cotidiano escolar não escaparam dos nossos resultados. A resistência às pesquisadoras cedeu lugar à confiança e à parceria à medida que os trabalhos foram sendo desenvolvidos de forma conjunta. Tentamos, a todo momento, minimizar a assimetria implícita na relação universidade-escola.

Outro problema enfrentado por nós no desenvolvimento das três pesquisas, segundo nossas observações e o discurso docente, foi o excesso de projetos (sejam federais, estaduais ou municipais) que “chegam” à escola de forma desarticulada aos trabalhos em andamento, muitas vezes com prazos curtos para sua execução e planos de realização muito artificiais para determinadas comunidades. Eles interferem tanto nas atividades particulares das diversas áreas, como na organização mais abrangente da escola, na relação das disciplinas escolares, na condução de avaliações, na construção de eventos etc.

Tais projetos são muito bem-vindos, na medida em que são discutidos pelo corpo docente para serem articulados aos objetivos locais de ensino, de modo que possa haver mais integração ao planejamento dos docentes, integração que não pode dispensar a relevância de tais projetos para sua comunidade e cidade.

Os problemas que envolveram alunos das escolas cujos professores participaram das pesquisas, como violência e situações vulneráveis de moradia e saúde, por exemplo, estiveram presentes em todos esses anos de atividades.

## **5. Considerações finais**

Não pretendemos, neste artigo, dar respostas a tantas questões que nos são postas dia a dia no trabalho de pesquisa. Tampouco quisemos comprovar que determinado viés teórico é

---

<sup>19</sup> PNAIC – Programa Nacional Alfabetização na Idade Certa.

<sup>20</sup> PIBID – Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência.

mais adequado para o ensino de língua. Pretendemos, como dito, contribuir para enriquecer as discussões feitas na área de Linguística Aplicada, especificamente no tocante à língua materna, para que possamos solidificar ainda mais as questões de ensino de linguagem que vem sendo debatidas ao longo de muitos anos.

As reflexões colocadas aqui não podem ser isoladas de outras referentes a questões diretamente atreladas à educação e ao letramento como as questões culturais, econômicas e políticas.

Gostaríamos de finalizar esse texto mostrando que os resultados das pesquisas empreendidas apontam para uma discussão sobre letramento como prática social articulada ao compromisso que nós, da área de linguagem, temos com a educação nesse país, considerando que é pela língua que se constrói conhecimento em qualquer área da ciência e é pela língua que, também, se constituem os sujeitos.

## Referências

ANDRADE, L. T. Uma proposta discursiva de formação docente. Juiz de Fora: **Revista Práticas de Linguagem**. v. 1, n. 2, jul./dez. 2011

BARROS, E. M. D.; RIOS-REGISTRO, E. S. (Orgs.) **Experiências com sequências didáticas de gêneros textuais**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2014.

BOTELHO, L. S.; KAESER, L. M.; GOMES, M. C. R. Letramento e ensino: uma pesquisa com professores de língua portuguesa. Taubaté: **Caminhos em Linguística Aplicada**, vol 10, 10, n.1, 2014. Disponível em: <http://periodicos.unitau.br/ojs-2.2/index.php/caminhoslinguistica/article/viewFile/1878/1375>

BRONCKART, J. P. **Atividades de linguagem, textos e discursos**. Por um interacionismo sociodiscursivo. (trad. Anna Rachel Machado). São Paulo: EDUC, 1999.

\_\_\_\_\_. Entrevista com Jean Paul Bronckart. **Revel**, 2006.

\_\_\_\_\_. Gêneros de textos, tipos de discurso e sequências. Por uma renovação no ensino da produção escrita. **Revista Letras**. Santa Maria, v. 20, n. 40, p. 163-176, 2010.

GUIMARÃES, A. M. M. ; KERSCH, D. F. **Caminhos da construção**: projetos didáticos de gênero na sala de aula de língua portuguesa. Campinas: SP, Mercado de Letras, 2012.

\_\_\_\_\_. **Caminhos da construção**: projetos didáticos de gêneros no domínio do argumentar. Campinas: SP, Mercado de Letras, 2014.

IBIAPINA, I. M. L. M. **Pesquisa colaborativa**: investigação, formação e produção de conhecimentos. Brasília: Líber Livro Editora, 2008.

KLEIMAN, A. **Os significados do letramento**. Campinas: Mercado de Letras, 1995

KLEIMAN, A. **A formação do professor**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2001.

\_\_\_\_\_. O processo de aculturação pela escrita: o ensino da forma ou aprendizagem da função? In: KLEIMAN, A. SIGNORINI. **O ensino e a formação do professor**. Alfabetização de jovens e adultos. 2 ed. Porto Alegre: Artmed Editora, 2001a. p. 223- 243.

\_\_\_\_\_. Letramento e suas implicações para o ensino de língua materna. **Revista Signo**, Santa Cruz do Sul. v. 32 n. 53, p. 1-25, dez, 2007.

KLEIMAN, A. SIGNORINI. **O ensino e a formação do professor**. Alfabetização de jovens e adultos. 2 ed. Porto Alegre: Artmed Editora, 2001.

MACHADO, A. R. **O diário de leituras**: a introdução de um novo instrumento na escola. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

\_\_\_\_\_. A perspectiva interacionista sociodiscursiva de Bronckart. In: MEURER, J. L.; BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D. (Orgs.). **Gêneros**: teorias, métodos, debates. São Paulo: Parábola Editorial. p. 237-259, 2005.

MACHADO, A. R.; CRISTÓVÃO, V. L. L. A construção de modelos didáticos de gêneros: aportes e questionamentos para o ensino de gêneros. **Revista Linguagem em (dis)curso**. 6 (especial). 547-573, 2006.

MACHADO, A. R.[coord]; LOUSADA, E.; ABREU-TARDELLI, L. S. **Resenha**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004. Coleção Leitura e produção de textos técnicos e acadêmicos.

\_\_\_\_\_. **Trabalhos de pesquisa**: diários de pesquisa para a revisão bibliográfica. São Paulo: Parábola, 2007. Coleção Leitura e produção de textos técnicos e acadêmicos.

MAGALHÃES, T. G. Formação de professores: uma experiência com docentes de Língua Portuguesa. In: **Trabalho Docente e Formação Políticas, Práticas e Investigação**, 2014, Porto. Trabalho Docente e Formação: Políticas, Práticas e Investigação: Pontes para a mudança. Porto: CIIE - Centro de Investigação e Intervenção Educativas, 2014. v. 1. p. 1583-1594. Disponível em: <http://www.fpce.up.pt/trabalhodocenteformacao/publicacoes.html>

MAGALHÃES, T. G.; CORDEIRO, A. A. ; CRESPO, B. A. C. Gêneros textuais: entraves e perspectivas no trabalho escolar com a língua materna. **Linhas Críticas** (UnB), v. 20, p. 209-227, 2014. Disponível em: <http://periodicos.unb.br/index.php/linhascriticas/article/view/9719>

MAGALHÃES, T. G.; FERREIRA, F. C. Proposta curricular de Língua Portuguesa: uma análise de documentos da cidade de Juiz de Fora (MG). Londrina: **Revista Signum** (no prelo).

MENDONÇA, M. Análise linguística no ensino médio: um novo olhar, um outro objeto. In: BUNZEN, C. Mendonça, M. (org). **Português no ensino médio e formação do professor**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

MOREIRA, A. F. B. As reformas curriculares como instrumento de controle da escola, do professorado e do aluno. **Cadernos para o professor**. Juiz de Fora, Prefeitura Municipal de Juiz de Fora, n. 10, v. 1, p. 13-20, jan-jun. 2000.

SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. **Gêneros orais e escritos na escola**. (trad. org. Roxane Rojo; Gláís Sales Cordeiro). Campinas, Mercado de Letras. 2004.

SILVA, T. T. **Documentos de identidade**: uma introdução às teorias do currículo. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

SOUZA, A. L. S.; CORTI, A. P.; MENDONÇA, M. **Letramentos no ensino médio**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

STREET, B. **Literacy in theory and practice**. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.

\_\_\_\_\_. **Social Literacies**: critical approaches to literacy in development, ethnography and education. London: Longman, 1995.

\_\_\_\_\_. What's 'new' in New Literacy Studies? Critical approaches to literacy in theory and practice. **Current Issues in Comparative Education**. 5(2) May 12, 2003.

Disponível em: [http://devweb.tc.columbia.edu/i/a/document/25734\\_5\\_2\\_Street.pdf](http://devweb.tc.columbia.edu/i/a/document/25734_5_2_Street.pdf)

\_\_\_\_\_. Entrevista concedida aos professores Gilcinei Teodoro Carvalho e Marildes Marinho. (trad. Gilcinei Teodoro Carvalho). **Revista Língua Escrita**, n. 7, jul/dez de 2009.

\_\_\_\_\_. Os novos estudos sobre letramento: histórico e perspectivas. In: MARILDES, M. e CARVALHO, G. T. **Cultura escrita e letramento**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010.

\_\_\_\_\_. Eventos de letramento e práticas de letramento: teoria e prática nos novos estudos de letramento. In: MAGALHÃES, I. (org). **Discursos e práticas de letramento**: pesquisa etnográfica e formação de professores. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2012

\_\_\_\_\_. **Letramentos sociais**: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação. (Trad. Marcos Bagno). São Paulo: Parábola, 2014.

Artigo recebido em: 17.05.2015

Artigo aprovado em: 22.06.2015